



Os museus, a museóloga e a Museologia: um relato da minha experiência em caminhos possíveis do trabalho científico e técnico

Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha¹

RESUMO: Este relato tem como objetivo refletir acerca do trabalho do profissional de museu no início da carreira e no desenvolvimento da pesquisa científica na área. Usa como referência um artigo anteriormente publicado por essa revista contrapondo o recorte do texto com outra trajetória pessoal de vivência, estudo e atuação prática em Museologia. Para tanto, problematiza correntes teóricas museológicas, bem como os trabalhos técnicos e científicos.

PALAVRAS-CHAVE: Nova Museologia. Sociomuseologia. Museologia Social. Trabalho e profissional.

ABSTRACT: This article aims to reflect about the work developed by the professionals of museum at the beginning of their career and the development of scientific research in the field. It uses as reference an article previously published by this magazine which opposes the cut of the text with another personal experience trajectory, study and practical action in Museology. Therefore, it problematizes theoretical museological currents, as well as technical and scientific works.

KEYWORDS: New Museology. Sociomuseology. Social Museology. Work and professional.

¹ Museóloga formada pela UFBA (2005), Doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal (2016) e Mestre em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (2009). Membro dos Grupos de Pesquisa Sócio Antropologia dos Patrimônios, Museus e Acervos e Grupo de Estudos e Pesquisas em História das Mulheres. Integrou o Programa de Formação e Capacitação em Museologia Eixo 3 – Política Nacional de Museus MINC/IPHAN/DEMU (2005), Membro da Comissão Especial de Seleção Universidade Federal da Bahia – do Edital Modernização de Museus do Ministério da Cultura (2009) e diretora do Museu Casa da Hera, em Vassouras-RJ, Unidade Museológica do Instituto Brasileiro de Museus (2009-2010). Foi professora do curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás - UFG e atualmente é professora assistente do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS/Campus Laranjeiras. Desenvolve pesquisas em Museologia, especialmente metodologias para estruturação e gerenciamento da informação em banco de dados em museus e documentação museológica.

Os museus, a museóloga e a Museologia: um relato da minha experiência em caminhos possíveis do trabalho científico e técnico

Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha

1. Introdução

O presente relato nasce dos incômodos vivenciados ao longo dos anos de pesquisa e trabalho na Museologia e que foram trazidos à tona após a leitura do artigo da amiga e também museóloga Girlene Chagas Bulhões². No período que fui professora na Universidade Federal de Goiás – UFG tive a oportunidade de conhecer, trabalhar e conviver com Gil³ em diferentes momentos. A nossa baianidade saltada, o jeito liberto de se relacionar e os múltiplos elementos culturais em comum nos uniu para realização de diferentes trabalhos científicos e técnicos. Tudo isso fez com que os laços afetivos criados por nós fossem alimentados na mesma medida que ocorria o alinhamento do nosso pensamento museológico.

Convictas, ou quase isso, de que conseguiríamos alterar um pouco a nossa realidade sociomuseal⁴ nós duas mantivemos alimentadas ideias, utopias, sonhos, crenças e muitas decepções, claro. Fortalecidas no amparo mútuo fizemos dos nossos encontros reais e ou virtuais o local de apoio e respiro para a difícil caminhada profissional.

² O artigo intitulado “As louças de vovó, o prato do garimpeiro, a altura dos olhos e nuvens; abelhas, formigas, seleção e seletividade; patrimônio, fratrimônio, a casa da princesa do Seu Tição e o Museu do Djhair; a cabeça da medusa, árvores, rizomas, afetos, afetividades e bem viver; coleções, acervos, musgo e outras performances museais” está disponível em: <http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/04Artigo1.pdf>

³ Fiz a escolha de usar uma linguagem coloquial por se tratar de um relato de experiência e porque objetivo tornar o texto mais livre.

⁴ O termo vem da corrente de pensamento amplamente trabalhada pelo professor Mario Moutinho na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Portugal, local do meu doutoramento. Segundo Moutinho a “Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e actuação que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território. A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica. A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade. O que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objectivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita” (MOUTINHO, 2007).

Do tempo em Goiânia e das passagens na cidade de Goiás optamos em guardar as gargalhadas dadas juntas e a certeza de que as dificuldades técnicas vivenciadas nas duas cidades precisavam ser exploradas em um terreno passível de experimentos. Acredito que a universidade e o caminho do mestrado, para Gil, foi e é a possibilidade concreta de colocar no papel o que ela fazia tão bem na prática, mas legitimado agora pelo estudo profundo. Ela se construiu e desconstruiu, é a minha impressão.

Se por um lado a universidade propicia essas mudanças por outro nos molda na linguagem acadêmica. Transgressora e forte, Girlene fez a opção de caminhar no pós-estruturalismo e admito que ainda não tenho bagagem intelectual para acompanhá-la. Talvez porque eu seja um pouco cartesiana, talvez porque me falte coragem suficiente, talvez porque em essência acredite que aquela que professa é estruturalista por necessidade. O fato é que admitir meu limite no ousar também me possibilitou vê-la em seu voo mais bonito.

Dessa forma, o relato que segue foi construído levando em consideração todos os sentimentos e pensamentos provocados por Gil. Ele trará contrapontos técnicos, profissionais e pessoais que, julgo eu, merecem ser avaliados. Escolhi a minha trajetória profissional e os lugares que atuei para discutir um pouco minhas angústias na atuação profissional em quatro situações da vida: estagiária, técnica, diretora e professora. Sem nenhuma pretensão hierárquica peço ao leitor que avalie colocando as diferentes profissionais que eu fui enquanto exercia posições e cargos distintos no mesmo patamar. Também solicito que saiba de antemão que essas atuações se misturam e interferem diretamente na construção da professora que eu objetivo ser. Elas se intercalam e se alimentam ora se afastando, ora se aproximando em fluxos variáveis.

Outra importante orientação de leitura é que considero na Museologia o trabalho técnico tão importante quanto o trabalho intelectual ou talvez mais. Parece comum, ou mais naturalizado do que deveria ser, o entendimento de que a teoria museológica é mais importante que o trabalho técnico. Entendo e aceito a importância da formulação dos pensamentos museológicos enquanto correntes, mas destaco que a Museologia, para mim, nasce e se estrutura enquanto área científica a partir da ação reflexiva nos trabalhos técnicos em museus e com o patrimônio.

Em meus estudos vou identificando, cada vez mais, que foi na atuação prática que as teorias museológicas foram construídas. Os procedimentos de

documentação em museus, as técnicas de conservação preventiva, as distintas formas de expor o objeto e as diversas formas de atender os diferentes públicos, para se constituírem enquanto práticas museais fizeram-se a partir da formulação de ideias, ou seja, a teoria também está presente ali. E o que hoje entendemos como teoria museológica nasceu, ao meu ver, da organização estrutural desses trabalhos.

Por fim, escolhi três lugares de passagem profissional onde aprendi muito. Sou grata a todos eles e meus relatos não objetivam trazer nenhum desconforto, apenas foi a forma verdadeira e real que encontrei para problematizar a Museologia e o profissional de museu seja ele museólogo ou não. Estando na academia me considero pronta para as discordâncias e os debates.

2. A estudante e estagiária da Casa de Jorge Amado e Zélia Gattai

Recordo-me com felicidade o dia da aula onde discutimos⁵ a Nova Museologia⁶, mas também trago na memória o deboche bem característico do estudante universitário que desmerece uma corrente a partir da descrença. Fomos tomados pelos ideais dos documentos que lemos, mas fazíamos piada dizendo que estávamos esperando a Nova Museologia chegar e que quando ela chegasse já seria tão velha que nem poderíamos chamá-la de Nova.

Àquela época não percebíamos com clareza o quanto aquilo já acontecia, ou sempre aconteceu, em pequenos fluxos operacionais nos museus e como seríamos alimentados pela corrente que propunha a virada de mesa numa Museologia tradicional e moderna. Segundo Tony Bennett (1995), a Museologia tradicional era [e ainda é] o reflexo e consequência direta da formação dos Estados-Nação modernos, bem como dos impérios coloniais europeus e, dessa forma, tem como característica principal o modelo correspondente à educação dos seus cidadãos naquela época.

⁵ A turma que me refiro é a do ano de 2001.1 da Universidade Federal da Bahia e a aula foi com a professora Rosana Nascimento. Tenho a felicidade de ter meus colegas de turma como amigos e continuamos dividindo conhecimento e partilhando experiências profissionais com o carinho e o respeito que os bons amigos tem. Gostaria de destacar que a turma não era homogênea, mas passamos a graduação trocando bibliografias e partilhando todo conhecimento adquirido e isso foi extremamente importante para a nossa formação pessoal e profissional. Como hoje moramos em diferentes estados trocamos a sala de aula pelo movimentado grupo no *whattsap*. A professora Rosana Nascimento é atualmente minha orientadora no doutoramento.

⁶ Indico a leitura dos três documentos pilares para o entendimento da Nova Museologia: a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972) a Declaração de Quebec (1984) e a Declaração de Caracas (1992).

Nessa corrente museológica há poucos questionamentos e ou autocrítica acerca dos fundamentos e do papel social, cultural e político do museu que reflete, e sempre refletiu, em todos os tempos históricos, as transformações sociais mais profundas traduzidas em artefatos, ícones, símbolos e ou objetos musealizados. Assim, o que víamos nos museus que estudávamos era exatamente o que Bulhões (2017) entende como discurso museológico de versões oficiais dos grupos dominantes e, apesar da piada infeliz feita agora para nós mesmos, iríamos lutar contra aquilo tentando por em prática a Velha Nova Museologia.

Não pretendo com isso afirmar que os museus tradicionais não promovem reflexões ou que todos os profissionais que ali atuam não se preocupam com a autocrítica, destaco, entretanto, que isso não era na minha época de estudante e ainda não é até hoje, uma prática comum. Apesar de reconhecer esforços pontuais por parte de alguns funcionários em distintas instituições do país, a Nova Museologia ainda se configura para outros como uma atitude sonhadora, malcriada e irreverente de fazer museu. Para esses, a Nova Museologia não existe porque, se tratando de museu e patrimônio material, não há formas inovadoras de documentar, conservar, expor e atender. Acredito que para tal grupo só deva haver mesmo uma forma de fazer Museologia, mas prefiro sonhos, malcriações e irreverência e considero-os necessários.

No Brasil o pesquisador Mario de Souza Chagas⁷ é uma importante referência nos trabalhos e debates do que ele nomeia por Museologia Social. Num texto publicado com Inês Gouveia (2014), eles apresentam que

⁷ Em seu resumo no currículo lattes, o professor da Unirio apresenta-se como “Poeta. Graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio – 1976), Licenciatura em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ - 1980), mestrado em Memória Social pela Unirio (1997) e doutorado em Ciências Sociais pela Uerj (2003). Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (lançada em 2003) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (Pnem) e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia – MUSAS e criador do Programa Editorial do Ibram. Atualmente é professor da Unirio, com atuação na Escola de Museologia e no Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (Ppgpmus); é Coordenador Técnico do Museu da República, professor visitante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), professor colaborador do Programa de Pós-graduação de Museologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba), conselheiro científico do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), membro do conselho consultivo dos Cadernos do Ceom da Unochapecó e dos Cadernos de Sociomuseologia da ULHT. Tem experiência nacional e internacional no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória, política cultural e patrimônio”. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4702558P8>. Distante de parecer com o tradicional e moderno professor universitário, Mario Chagas tem um farto e importante trabalho de pesquisa e estudo no campo museológico periférico/marginal (no sentido daquilo que está às

A denominada nova museologia, desde a sua origem abrigava diferentes denominações: museologia popular, museologia ativa, ecomuseologia, museologia comunitária, museologia crítica, museologia dialógica e outras. A perda de potência da expressão nova museologia contribuiu para o fortalecimento e a ascensão, especialmente após os anos de 1990, da denominada museologia social **ou** sociomuseologia. As múltiplas designações indicam, de algum modo, a potência criativa, a capacidade de invenção e reinvenção dessas experiências e iniciativas, e evidenciam a disposição para driblar e resistir às tentativas de normatização, estandardização e controle perpetradas por determinados setores culturais e acadêmicos. Essas museologias indisciplinadas crescem de mãos dadas com a vida, elaboram permanentemente seus saberes e fazeres à luz das transformações sociais que vivenciam como protagonistas, por isso mesmo é no fluxo, no refluxo e no contrafluxo que se nomeiam e renomeiam, se inventam e reinventam, permanentemente (CHAGAS e GOUVEIA, 2014, p. 15–16, grifo meu).

Compreendidas como sinônimos, a Nova Museologia, a Sociomuseologia e a Museologia Social lidam e problematizam, por isso incomodam tanto, o que Girlene chama de indizível nos museus. Joga luz em aspectos antes inquestionáveis e dá voz a outros segmentos sociais pouco ou mal representados, especialmente nas instituições mais tradicionais.

Assim, o estágio na Casa de Jorge Amado foi um bom momento para a prática museológica pautada nas bases afetivas da Nova Museologia. Hoje aberta ao público e denominada Casa do Rio Vermelho⁸, a Casa de Jorge Amado e Zélia Gattai, como chamávamos na época do estágio, é um museu casa diferente dos que conhecemos porque recebeu um tratamento museográfico distinto do modelo tradicional de fazer museu casa. Vale à pena a visita e o debate, mas para esse texto gostaria de destacar a nossa atuação enquanto estagiárias⁹.

margens) que é referenciado quando discutimos rompimentos de padrões tradicionais na Museologia Brasileira. Considero que ele na América do Sul e Mario Moutinho na Europa são duas importantes referências de ruptura.

⁸ Não foi localizado um site oficial do museu, apenas a página no Facebook. Ver: <https://www.facebook.com/casadoriovermelho/>

⁹ A equipe era formada por seis meninas estudantes de museologia. Eu, Isabela Marques Leite de Souza e Ilma Vilasboas que atuam como museólogas concursadas pela UFBA e estão lotadas, respectivamente, no Museu de Arte Sacra – MAS/Salvador - BA e no Museu Afro – MAFRO/Salvador - BA; Valéria Abdalla, também museóloga concursada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS em exercício provisório no Museu Histórico Nacional – MHN/Rio de Janeiro – RJ e mais duas que hoje não mais atuam na Museologia. Tenho autorização de Isabela, Ilma e Valéria para citar os nomes delas no artigo, mas é de minha inteira responsabilidade o entendimento e sentimento do trabalho desenvolvido por nós lá.

Estávamos no final do curso e trabalhamos na Casa em dois momentos. Na primeira fase, com a supervisão técnica de Ângela Petitinga¹⁰, realizamos a seleção dos artefatos que seriam destinados para o museu. Objetos de alto valor econômico como telas de importantes artistas amigos do casal não entraram para a coleção, assim como itens do universo mais íntimo deles. Selecionamos, listamos, identificamos e organizamos todos os objetos de todos os ambientes da Casa. Foi o meu trabalho mais feliz.

Lidamos com os embates religiosos de artefatos do candomblé presentes em toda a casa e discutimos a importância do respeito à diferença e a representatividade positiva dessa comunidade por meio de dois importantes escritores; atuamos considerando a dessacralização do objeto que a partir do tratamento museológico ganha o atributo de bem cultural; cuidamos dos livros e objetos pessoais, internacionais, religiosos, de arte popular e demais sem hierarquizá-los na mesma medida que entendíamos que o nosso trabalho era tão importante quanto o dos seguranças que nos acompanhavam pela casa e que insistiam em nos chamar de senhoras. Trabalhávamos as diferenças e as igualdades em nós por meio do acervo. Uma nova identidade museológica profissional nascia e era representada por meio da nossa atuação.

A segunda fase do trabalho foi de acondicionamento, guarda e transporte dos bens para a realização da obra na Casa. Continuamos com a supervisão de Ângela Petitinga e o prazer em executar o trabalho, ainda que massivo e braçal, permaneceu. O olhar técnico não era mais para a seleção e sim para a conservação preventiva. Aprendi muito na Casa do Rio Vermelho e compreendi, anos depois, como o trabalho do estagiário é importante na formação do futuro profissional. Entretanto, lamentei muito quando ao visitar a Casa depois da reforma, não vi nossos nomes no painel da ficha técnica. Compreendo que ali deve estar listado os profissionais que atuaram na última etapa da construção do museu, mas queria ter tido o reconhecimento pelo trabalho executado porque acho também importante que a Casa do Rio Vermelho saiba que ajudou muito na formação de três museólogas

¹⁰ Ângela Petitinga é museóloga e diretora da empresa Doc-Expõe gestão Museológica e Documental. Tive a oportunidade de trabalhar com Ângela em três bons momentos onde mantivemos uma relação profissional respeitosa e afetuosa.

concurradas e uma professora de um curso de Museologia. Tenho certeza que as duas outras colegas e amigas não citadas em nome aqui também são felizes e gratas pela oportunidade do trabalho desenvolvido lá.

Aprendi, como professora, a valorizar os estagiários que passam pela minha orientação porque aprendemos juntos e porque considero importante manter a memória da atuação deles nos trabalhos. Os estagiários, assim como os alunos, renovam os nossos pensamentos e são importantes agentes no contexto profissional. Acho ético manter os nomes de todos os envolvidos em diferentes etapas do fazer museológico porque serve, entre outras coisas, como comprovação profissional. Não estou dizendo com isso que a ausência dos nossos nomes foi uma atitude desleal ou antiética. Pode ter ocorrido mudança na contratação da empresa que executou o serviço, pode ter sido feita a escolha de manter apenas os nomes dos profissionais que atuaram na composição final do museu ou outras coisas. No entanto, certamente estaria mais feliz se todos fossem citados e que todas as etapas do projeto estivessem ali contempladas.

3. A museóloga documentalista no Museu do Traje e do Têxtil – MTT

A atuação na Fundação Instituto Feminino da Bahia – FIFB¹¹ exigiu de mim um bom preparo técnico e muito jeito no desenvolvimento das relações humanas com os colegas de trabalho, mas me rendeu uma boa pesquisa para o mestrado, crescimento e amadurecimento pessoal e profissional e amigos que levo para outras fases na vida.

Por ser uma Fundação ligada à religião católica e por trazer traços originários da sua formação na década de 1930, a história dessa instituição é amparada nos ideais de seus fundadores ajustados para funcionar como museu. Há muitas discordâncias sobre isso, mas foi oportuno pensar coletivamente o que seria a missão e visão da instituição; como poderia ser desenvolvido o plano diretor que contempla três museus independentes dentro de um mesmo espaço arquitetônico;

¹¹ A Fundação Instituto Feminino da Bahia – FIFB é uma fundação particular ligada a Arquidiocese Primaz do Brasil que abriga em seu palacete três museus: o Museu de arte decorativa Henriqueta Catharino, o Museu do Traje e do Têxtil e o Museu de Arte Popular. Com um acervo composto por aproximadamente mais de dez mil peças o Instituto Feminino é guardião de um significativo e vasto acervo da Bahia do século XIX. Outras informações estão disponíveis no site da instituição: <http://www.institutofeminino.org.br/home/index.php>

qual o melhor tratamento dado aos artefatos; como estruturar reservas técnicas que abriguem a disparidade dos objetos em forma e material constitutivo etc. As dificuldades e os impasses permeiam todos os setores técnicos do museu e isso promovia nos funcionários um intenso crescimento profissional.

A Fundação foi o mais completo aparelho cultural que eu trabalhei em termos idealizados de funcionamento técnico e administrativo. O “modelo ideal” de museu que aprendemos na faculdade foi percebido por mim no Instituto que objetivava, na época da minha passagem por lá, essa realização. A FIFB possui funcionamento administrativo empresarial no sentido mais orçamentário e comercial da palavra e isso me deu o entendimento do que vem a ser um modelo de empresa de cultura. Foi muito bom.

Dessa forma reconheci o Instituto como instituição tradicional e particular que, diferente dos museus públicos que tem verba destinada, ainda que ínfima, precisava buscar amplos recursos para sua manutenção. Atuei no museu entre os anos de 2005 e 2006 numa época de aprovação de projeto que previa contratação de pessoal e realizei o tratamento documental da coleção de indumentária do Museu do Traje e do Têxtil.

Nesse mesmo período também atuei no Eixo 3 da Política Nacional de Museus e compreendia melhor os entraves da Museologia¹² e da Nova Museologia na Fundação, local onde desenvolvia o trabalho de museóloga documentalista. Apesar de recém-formada na Museologia eu tinha experiência profissional em outras áreas, especialmente educação, mas isso não garantiu que minhas observações acerca do registro documental, escolha do sistema de numeração e posterior implantação no computador fossem acatadas o que gerou um problema grave na implantação do sistema documental que pretendia unir num único banco de dados os três acervos da Fundação.

Apreendi com o tratamento das vestes que quando a gente inicia o trabalho deve passar alguns meses estudando a instituição, conhecendo e pesquisando o acervo e percebendo o funcionamento da empresa e das pessoas que lideram o grupo. Fui rapidamente enquadrada em hierarquias rígidas de poder e inúmeras

¹² Objetivando problematizar ainda mais os conceitos naturalizados na Museologia eu sugiro a leitura do artigo “Em nome do céu, o que é Museologia?” Perspectivas de Museologia através de publicações da professora Suely Moraes Ceravolo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89693/92515>

vezes me senti desnecessariamente desmotivada. Entretanto, é preciso reconhecer que foi minha a escolha de prestar a seleção de emprego como também foi minha a escolha de trabalhar lá e que, portanto, agora era a hora de me ajustar ao funcionamento da instituição. Trabalhar no coletivo é, para mim, construir um eficiente manual de sobrevivência em que você possa, algumas vezes, transgredir e muitas vezes se ajustar.

Transgredi deixando para a Fundação um trabalho reflexivo acerca do conjunto de Roupas Brancas, modificando a amarração dos torços das manequins negras na vitrine das Crioulas conforme a hierarquia do candomblé, atendendo pesquisadores do país, pontuando que a roupa branca tão fortemente presente no museu tem referência direta da cultura negra de Salvador, das empresas de tecidos do estado e da rica mistura presente no comportamento cultural que marca a Bahia do século XIX, documentando e organizando em reserva técnica um número grande de peças e deixando verdadeiramente o que sou e como trabalho ali e em qualquer lugar que venha a passar.

Foi, na mesma medida, doloroso e proveitoso. Concordo com a visão de Gil quando aponta que tudo cabe no museu, mas que nem tudo é explorado no e pelo museu. Ligado a Arquidiocese e honesto com seus ideais o Museu do Traje e do Têxtil abriga não só itens raros de vestes e tecidos religiosos de origem católica, mas também um acervo significativo de trajes do candomblé que ainda não foram expostos e nem tratados do ponto de vista documental. É importante destacar que a entrada do acervo afro se faz por doação e que isso indica um movimento de resistência da sociedade e do museu, bem como há, em ambas as partes, a certeza do respeito ao tratamento destinado ao acervo. São azias, engasgos e refluxos alimentados ou apaziguados conforme o ideal de quem gerencia o órgão. Todo trabalho é exaustivo, o segredo é continuar aprendendo como fazer melhor. Sempre que volto a Salvador faço questão de ir ao museu e sou feliz ao cruzar seu majestoso portão, ver o acervo, perceber as novas conquistas e abraçar os velhos funcionários.

4. A diretora do Museu Casa da Hera

O profissional se faz no trabalho prático e eu me fiz profissional dentro da Política Nacional de Museus, junto a minha turma de graduação e com a intervenção direta da museóloga Joana Flores, que coordenava meu grupo de trabalho e com a coordenação geral da professora Maria Célia Teixeira Moura Santos¹³. Aprendi muito com elas sobre valores humanos aplicados a uma forma de gerenciar administrativamente com honestidade, decência e respeito ao outro e levei isso para a Casa da Hera quando recebi o convite de José Nascimento Junior, na época presidente do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram¹⁴, para reabrir o museu.

O objetivo da contratação era realizar o trabalho de documentação no conjunto de indumentárias que existe na Casa da Hera o que além de prazeroso me proporcionaria uma certa autonomia para colocar em prática aquilo que não foi realizado no Instituto Feminino. Entretanto, o museu estava fechado ao público, tinha inúmeros problemas administrativos internos e denúncias, diferentes problemas de conservação preventiva do acervo e problemas na concepção expográfica. Havia também uma imprensa local e estadual ávida por respostas, uma comunidade exigindo a reabertura do museu e o escritório do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – Iphan¹⁵, que era anexo ao museu, aguardava com brevidade a resolução dos conflitos.

Na Casa da Hera, com o auxílio direto de Isabel Rocha do Iphan, Isabela Marques, que na época era museóloga técnica do Ibram e foi deslocada das Missões para me auxiliar e de Magali Cabral, que me auxiliou com muita generosidade na reordenação do museu casa para sua abertura, consegui equacionar conflitos. Conteí também com a ajuda das três equipes de terceirizados para arrolar o acervo e conferir os objetos, encontrar as peças que estavam desaparecidas, mover os objetos mais pesados, limpar e organizar a reserva técnica, atender a imprensa, o público e pesquisadoras e reorganizar o espaço administrativo do museu e reabri-lo.

O museu foi reaberto, a imprensa recebeu as respostas que queria, o Ibram o relatório administrativo relatando a realidade e necessidades do museu e a

¹³ IPHAN. POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS: Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo 3 / Ministério da Cultura do Brasil, IPHAN/DEMU, 2005.

¹⁴ Ver: <http://www.museus.gov.br>

¹⁵ Ver: <http://portal.iphan.gov.br/rj/pagina/detalhes/640/>

comunidade sua instituição de volta. Foram três longos meses de trabalho intensivo e deixei a direção do museu para tomar posse na Universidade Federal de Goiás, após aprovação no concurso para docente. Retornei às salas de aula num estado desconhecido, mas feliz pela conquista e novamente aberta para novos ares, desafios e aprendizagem.

5. Reflexões finais

A neutralidade científica não existe. O que há são formas de escrever e uso de linguagens que convencem ou não, assim como há regras na academia que precisam obrigatoriamente ser cumpridas e transgredidas. Walter Benjamim teve sua tese recusada quando concorreu a livre-docência na Universidade de Frankfurt e hoje?¹⁶ Admito que trago o coração nos olhos, que sou péssima em disfarces e talvez por isso minha escrita tenha se tornado tão carregada de afetos muitas vezes negados pela tradicional postura acadêmica.

Contudo, para dizer do indizível há de se revelar, há de relatar apreços e desassossegos e como se sentiu afetada por eles. Sempre digo aos meus alunos, ao discutirem comigo sobre escolhas de tema de Trabalho de Conclusão de Curso (que para eles é assunto de maior seriedade), que eles precisam pesquisar aquilo que lhes toma o coração porque se não passa pelo coração não chega na cabeça. Eu sou desse jeito, para o bem ou para o mal, é assim.

Para a Museologia, não importa se a Tradicional, a Nova Museologia, Velha Nova Museologia, a Sociomuseologia ou qualquer outra categoria que se queira enquadrar, é necessário o trabalho com a musealização. É isso que nos torna distintos das demais áreas de conhecimento e todos nós nos musealizamos quando nos referimos ao museu onde desenvolvemos trabalho ou pesquisa de “meu museu”. Ainda que doutrinemos o pronome possessivo e recuemos para nos justificar que sabemos que ele não é verdadeiramente nosso apesar de público, nos colocamos

¹⁶ O ocorrido está descrito na introdução do livro “Origem do drama barroco alemão” (BENJAMIN, 1984) e é possível conhecer a história inteira em biografias do autor. Para que a provocação seja bem feita, àqueles que foram tomados pela curiosidade do fato, indico a leitura completa da introdução porque apesar de Sergio Paulo Rouanet defender que foi prudente Benjamim não publicar sua história da Bela Adormecida, ele usa muito bem desse fato para dizer o aparentemente indizível para a academia. Leiam!

nesse instante como tomados por ele, pelo patrimônio que ali existe, pelo gosto de vivenciar aquilo. É fraterno.

O nosso eu técnico-profissional-pessoal-político é tomado de sentimentos. Pede que mantenhamos a atenção às regras da escrita para algumas vezes transgredi-las. Sugiro que façamos a escolha honesta pela corrente de pensamento que melhor atende às nossas necessidades profissionais, mas que nunca deixemos de fazer a autocrítica e nem de olhar com atenção para aquilo que o outro produz, escreve, realiza. Sugiro também que estudemos cada vez mais e mais e mais e mais e muitas vezes mais. Sugiro, por fim, que ainda que estejamos sentados numa dura, histórica e majestosa mesa barroca de jacarandá para decidirmos juntos ou hipoteticamente juntos os passos seguintes de uma instituição, de uma feira, do campo de futebol ou de qualquer outro espaço coloquemos diante do outro o nosso coração. São apenas sugestões.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A origem do Drama Barroco Alemão. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. **São Paulo: Brasiliense**, 1984.

BENNETT, Tony. *The history of museums: history, theory, politics*. London, NewYork: Routledge, 1995.

CERAVOLO, Suely Moraes. “Em nome do céu, o que é Museologia?” *Perspectivas de Museologia através de publicações*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n. 14, p. 311-343, 2004.

CHAGAS, Mario de Souza; GOUVEIA, Inês. *Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)*. Revista Cadernos do Ceom, 2014 - bell.unochapeco.edu.br

IPHAN. *POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS: Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo 3 / Ministério da Cultura do Brasil, IPHAN/DEMU*, 2005.

MOUTINHO, Mario C. *Definição Evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão*. Lisboa, Setembro 2007, XIII Atelier Internacional do MINOM, Lisboa Setúbal. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2617/1516>